

Igreja Anglicana Reformada do Brasil | Julho 2018

# BACULO

Espiritualidade | Comunhão | Catequese | Evangelismo

WE ARE THE FREE CHURCH OF ENGLAND

*Publicação Oficial da Diocese Sul-Americana*



Liturgia e Escritura

# CONTEÚDO

## Julho 2018

<b>Trocando Ideias</b> .....	<b>03</b>
<i>Variedades sobre a fé e o jeito anglicano de ser cristão.</i>	
<b>Café com o Bispo</b> .....	<b>04</b>
<i>Um bate-papo para conhecer mais a respeito do anglicanismo.</i>	
<b>Báculo NEWS</b> .....	<b>06</b>
<i>Notícias sobre a Igreja na América do Sul e Europa</i>	
<b>Escritura e Liturgia</b> .....	<b>08</b>
<i>Uma união indissolúvel</i>	
<b>Catecismo Século 21</b> .....	<b>13</b>
<i>O que é a fé?</i>	
<b>Na Escola dos Primeiros Cristãos</b> .....	<b>14</b>
<i>Terminologia para melhor compreender os Pais da Igreja</i>	
<b>Sim!</b> .....	<b>15</b>
<i>Caruaru agora é anglicana e reformada!</i>	
<b>Especial Review</b> .....	<b>17</b>
<i>C. S. Lewis: Além do Universo Mágico de Nárnia.</i>	

**Diretor Geral:** Reverendíssimo Bispo Josep Rossello. **Editor Chefe:** Marcelo Lemos (Registro: MGo8183JP). **Conselho Editorial (2017-2018):** Bispo Josep Rossello (SP), Marcelo Lemos (MG), Rev. Diego de Araujo Viana (RJ), Dr. Guilherme Braun Jr (Alemanha). **Projeto Gráfico:** Marcelo Lemos. **Colaboraram nesta edição:** Bispo Josep Rossello, Bispo Francisco Buzzo (fotos), Rev. Marcelo Lemos, Rev. Rogério Assis, Rev. Bruno Leandro. **VOCE TAMBÉM PODE AJUDAR COM FOTOS, ARTIGOS, COMENTÁRIOS, DICAS:** [marcelolemosramos@gmail.com](mailto:marcelolemosramos@gmail.com). Esta publicação está comprometida com os formulários anglicanos, e adota a [Declaração de Princípios](#) da *Free Church of England*, também chamada no Brasil por *Igreja Anglicana Reformada do Brasil*. **SITE DA IGREJA NO BRASIL:** [www.igrejaanglicana.com.br](http://www.igrejaanglicana.com.br). **SITE DA IGREJA NA INGLATERRA:** [www.fcofe.org.uk](http://www.fcofe.org.uk). **DESEJA SABER MAIS SOBRE O ANGLICANISMO REFORMADO ESCREVA PARA NOSSO ESCRITORIO NACIONAL:** [contato@igrejaanglicana.com](mailto:contato@igrejaanglicana.com)

# Trocando Ideias!

*Variedades sobre a Fé e o jeito anglicano de ser cristão.*



“Gostei muito da Revista Báculo! Existe previsão para versão impressa?”.

**Rev. Ricardo Diniz  
Caruaru (Pernambuco)**

“ Se fala muito sobre o Anglicanismo, mas pouco se conhece realmente. Tire um momento para ler este breve artigo e nos conhecer melhor”. Convite publicado na página da Diocese Sul-Americana da Free Church of England, no Facebook. O artigo mencionado é *“Considerações sobre a Igreja Anglicana Reformada”*.



Os principais fatores na identificação de uma igreja estão relacionados às suas doutrinas, adoração cristã e ensinamentos teológicos. Nesse sentido, a Igreja Anglicana Reformada sente-se profundamente unida às outras igrejas que aceitam a autoridade da Bíblia como a Palavra de Deus e Sua verdadeira revelação, especialmente àquelas igrejas que tem suas raízes na igreja dos primeiros séculos e na Reforma Protestante do Século 16.

O que distingue as igrejas anglicanas de outras igrejas é, em parte, seu modo de administração e seus princípios de governo. Não há dúvida de que, no anglicanismo, cada membro tem a responsabilidade de buscar a vontade de Deus no desenvolvimento da igreja. Por meio de conselhos democraticamente eleitos, os membros são representados em cada nível da administração.

No entanto, na Igreja Anglicana Reformada (FCE) a direção geral não depende apenas de uma maioria, porque o conceito bíblico que diz que os líderes da Igreja têm um papel importante na compreensão da direção do Espírito Santo é mantido.

Confira o artigo completo no site da Diocese Sul-Americana, disponível em <http://igreja-anglicana.com.br/consideracoes-sobre-a-igreja-anglicana-reformada/>



“Ser Anglicano Reformado é o nosso jeito de ser cristãos, simplesmente isso”.



Reverendíssimo Josep Rossello, bispo diocesano.  
*Free Church of England. Diocese Sul-Americana*

**Báculo:** *Bispo, é notável o crescimento das interações dos internautas com a página oficial da Igreja no Facebook, especialmente depois da criação da Diocese Sul-Americana da Free Church of England. O senhor poderia comentar?*

A nossa presença das redes sociais tem variado desde 2009. Penso que a criação da diocese tenha causado um grande interesse, juntamente com uma volta do desejo de se falar e escrever sobre Anglicanismo. As pessoas se aproximam por causa do que nos somos, enquanto anglicanos e reformados, e outros não possuem isto. Em outras palavras, se somos anglicanos, eles querem que falemos do Anglicanismo, do LOC, e questões relacionadas.

Evidentemente, isto não quer dizer que não falemos de Jesus, ou que não ensinamos as Escrituras. Com certeza fazemos isso. Porém, os brasileiros têm muitos lugares onde podem encontrar o ensino da Palavra e pessoas falando de Jesus. Por outro lado, não existem tantos lugares onde as pessoas possam ser informadas sobre a nossa igreja, a tradição Anglicana e o Anglicanismo em geral. Sem mencionar que muito do que se diz sobre o anglicanismo no Brasil baseia-se em deturpações ou falta de conhecimento dos fatos.

Uma vez percebidas estas coisas, foi simplesmente questão de começar a escrever, traduzir e promover textos que falam do que é único no Anglicanismo. E aí as pessoas responderam rapidamente.

**Báculo:** *Toda a Igreja está se preparando para o Sínodo 2018. Este ano acontece o primeiro Sínodo como diocese. O que muda?*

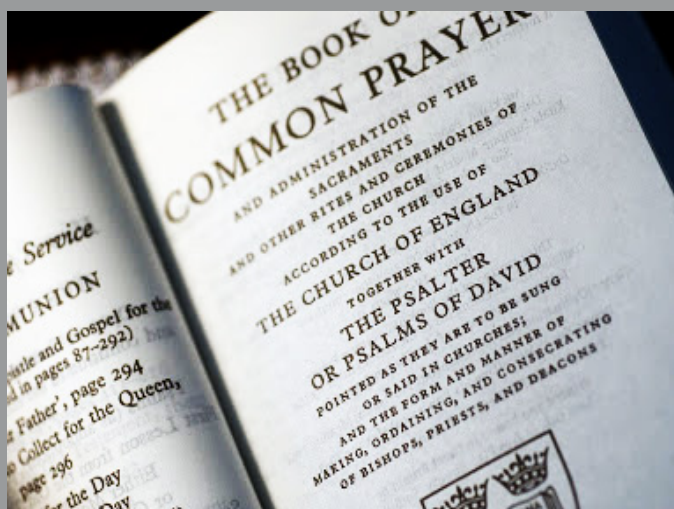
Não sei o que muda. Certamente eu deveria saber, mas não tenho uma percepção clara sobre essa questão. Explico: temos funcionando como uma diocese desde o início, mesmo sem sê-lo. (principalmente, por questões legais e pastorais

no contexto missional da nossa igreja no Brasil).


Na prática, a criação da diocese é mais uma coroação do trabalho. Naturalmente, haverá uma série de responsabilidades administrativas que precisaremos cumprir e desenvolver a cada ano, para o progresso dos trabalhos da diocese.

**Báculo:** *Outro tema de grande interesse por parte dos leitores é sobre o Livro de Oração Comum de 1662 em Língua Portuguesa. Alguma novidade sobre este projeto da Igreja?*

Na última reunião do Comitê Permanente (finais de Maio deste ano), tratamos a questão de acelerar o processo de edição e correção, com o uso de profissionais da Língua Portuguesa. Isto exige conseguir recursos financeiros extras para poder pagar os custos de um editor profissional. O projeto está encaminhado, e conversaremos novamente sobre o tema na reunião do Comitê Permanente deste mês (dia 28 de Julho). Seguimos trabalhando, não apenas neste projeto, mas também em outros projetos e novidades importantes.



Há pequenas variantes intencionais entre o LOC de 1662 e o publicado pela FCE, as quais visam esclarecer alguns termos que causaram controvérsias durante o Século XIX.



“A identidade é um elemento poderoso para a unidade e o compromisso de compartilharmos juntos um jeito particular de ser cristão com outros irmãos, e especialmente com os perdidos”.

**Báculo:** *A edição publicada pela FCE é idêntica a de 1662?*

Não, não é idêntica ao LOC 1662. Tem algumas pequenas mudanças entre as duas versões. Principalmente, o Catecismo e o Ordinário (ordem de culto para a ordenação de Diáconos e Presbíteros, e a consagração de Bispos). Existem ainda outras pequenas mudanças que visam esclarecer o significado de alguns termos que causaram controvérsias no século 19. Com isso, as pequenas revisões da edição da FCE tenta refletir o sentido original e teológico dos Reformadores Ingleses.

**Báculo:** *Este mês a revista publica uma matéria especial sobre Liturgia. Nos próximos meses serão abordados temas como Liderança (Agosto), e Ordens Sacras (Setembro). Qual a importância dos anglicanos reformados conhecerem melhor sua identidade?*

Existe uma crise profunda de identidade no Anglicanismo. Não é uma questão nova, porém, tem ressurgido nos últimos anos com a crise do liberalismo em algumas igrejas membros da Comunhão Anglicana. O próprio conceito promovido por Cantuária, a saber, que ser anglicano significaria ser membro da Comunhão Anglicana, já não é mais defensável. E, sinceramente, nunca foi um conceito verdadeiro, ainda que fosse verdade que a maioria dos anglicanos são membros de uma das suas províncias.

A crise de identidade não se dá apenas dentro do contexto das igrejas anglicanas, também está sendo vivido por diferentes igrejas e tradições, e acontece também em outras esferas da vida, como na vida política e no social. Basta olhar alguns dos conflitos sociais e culturais presentes ao redor do mundo na atualidade para constatar esse fato. Há uma crise de identidade generalizada no mundo.

Isto requer de nós que sejamos conscientes dos tempos que vivemos. Tentemos, então, ser respeitosos com aqueles que opinam diferente, ainda que isto não implique que iremos abrir mão da nossa compressão da tradição anglicana e do jeito de ser anglicano.

A identidade é um elemento poderoso para a unidade e o compromisso de compartilharmos juntos um jeito particular de ser cristão com outros irmãos, e especialmente com os perdidos. Não porque seja um jeito melhor, nem porque estamos certos e os demais cristãos errados, mas, simplesmente, porque é o nosso jeito de viver a fé Cristã e seguir a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Por esta razão, precisamos seguir aprofundando-nos sobre quem somos, de onde estamos vindo e para onde queremos ir.

Ser Anglicano Reformado é o nosso jeito de ser cristãos, simplesmente isso.

\*\*\*\*\*



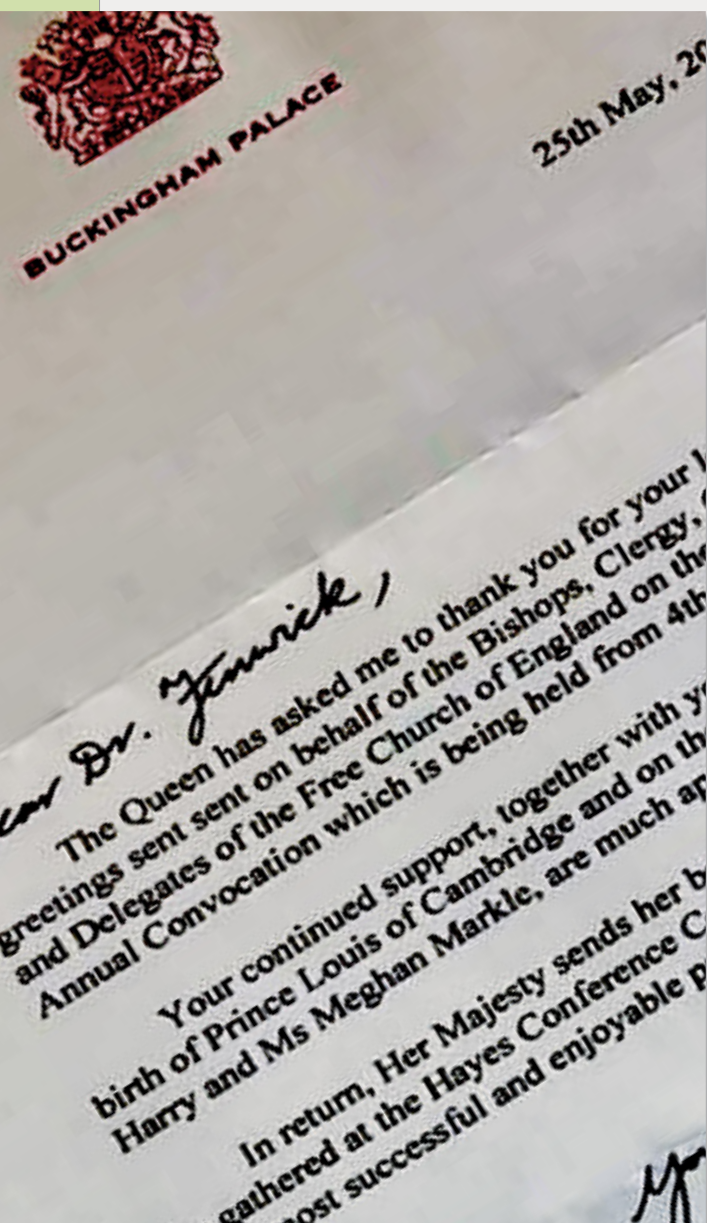
## DO YOU SPEAK ENGLISH?

Com a proposta de inserir celebrações bilíngues gradualmente, a Igreja Anglicana Nova Esperança segue inovando em seu trabalho missionário.

A Igreja Anglicana Nova Esperança continua o belo trabalho de evangelização, agora trazendo uma grande novidade: No último mês, a paróquia, pastoreada pelo Rev. Rogério Assis, passou a realizar a bênção fi-

nal em Português e em Inglês. No último Domingo, “lemos o Evangelho e demos a bênção final nas duas línguas”, é o que nos conta o Rev. Rogério Assis, reitor da comunidade. O reverendo também celebra casa-

mentos bilíngues. A paróquia Nova Esperança está localizada na Rua Mamud Rahd, 973, no Bairro do Tremembé (São Paulo - SP). A comunidade é auxiliada também pelo Rev. Marcos Bessa.



## CARTA DE SUA MAJESTADE

*“A rainha pediu-me que lhe agradecesse por sua carta de leais saudações enviadas em nome dos Bispos, Clérigos, Guardiões e Delegados da Igreja Livre da Inglaterra, por ocasião da sua Convocação Anual, que será realizada de 4 a 6 de junho.*

*Seu apoio contínuo, junto a suas amáveis palavras sobre o nascimento do príncipe Louis de Cambridge, e sobre o casamento do príncipe Harry e da Sra. Meghan Markle, são muito apreciados.*

*Em troca, Sua Majestade envia seus melhores votos a todos aqueles que estarão reunidos no Hayes Conference Center in Swanwick, Derbyshire, para que tenham um evento de grande sucesso e alegria.*

*David Rynn*

*Gabinete do Secretário Privado, Diretor.*

Enviada por ocasião da Convocação Anual realizada pela Free Church of England (confira maiores detalhes em “Diário de Bordo”, Báculo, Junho de 2018).

## Sínodo da Igreja no Brasil



No Brasil, clérigos, leigos e delegados se preparam para mais uma edição do Sínodo Nacional. Por todo o Brasil a Igreja se movimenta para estar presente em São Paulo, orando, deliberando e celebrando a Vida em unidade. Os organizadores já estão trabalhando para confirmar a presença de todos, e se preparando para uma recepção tão boa quanto a de 2017, noticiada por esta revista (*Báculo*, Janeiro de 2018).

Espera-se que este ano o número de fiéis e clérigos presentes ao Sínodo seja ainda maior. Além disso, será o primeiro Sínodo com o status de Diocese da Free Church of England.

Confira com a liderança da sua paróquia como proceder para estar presente no Sínodo 2018, que acontecerá nos dias 27, 28 e 29 de Setembro, na Cidade de São Paulo (SP).

### Melhoria contínua no site



Um dos pilares do site da Diocese Sul-Americana é a busca por melhoria contínua, visando entregar ao visitante online sempre a melhor experiência em navegabilidade ([clique na imagem para acessar](#)). Quem visitou o site nos últimos dias certamente percebeu uma melhor experiência e interatividade.

Além disso, o conteúdo do site segue sendo atualizado, mantendo sempre a disposição dos internautas livros, apostilas, estudos, notícias, vídeos, reportagens e outras informações importantes sobre a Igreja.

Através do site é também possível acessar outros portais e blogs anglicanos reformados, além de uma [biblioteca online](#) que disponibiliza todas as edições de *Báculo*.

## Crônicas de um Reverendo



Após uma bem-sucedida ação de financiamento online através da plataforma Kikante, o projeto segue de vento em popa. Segundo o autor, o lançamento está previsto para o mês de Dezembro, pela Editora Chiado. Você já tem uma boa opção de presente natalino para seus amigos e familiares! Fique atualizado clicando na capa ([acima](#)). O link dá acesso ao portal do Rev. Rogério Assis.

## A PRIMEIRA CONGREGAÇÃO

BRAGANÇA PAULISTA - [Curta a página da paróquia no Facebook](#)

A primeira paróquia da Igreja Anglicana Reformada do Brasil (Diocese Sul-Americana da Free Church of England), foi a da Cidade de Bragança Paulista, liderada desde então pelo Bispo Francisco Buzzo. O "do Brasil" foi acrescentado ao após a Igreja local

assumir a visão de se tornar uma Igreja nacional, hoje, diocese Sul-Americana, que abrange atualmente Brasil e Venezuela.

Na imagem ao lado pode-se observar o Bispo Francisco Buzzo (fundador da IARB) celebrando a

Ceia do Senhor na posição tradicional prescrita pelo Livro de Oração Comum de 1662, com o ministro na lateral Norte da Mesa\*. A Igreja no Brasil também permite ritos alternativos que podem ser conhecidos no site nacional.



\* Leia: ["O Ministro do Lado Norte da Mesa"](#)



O teólogo assembleiano Antônio Gilberto, aponta corretamente que não existe culto sem liturgia. “A parte litúrgica”, diz GILBERTO, “compreende diversas partes do culto: oração (At 12.12; 16.16); cânticos (I Co 14.26; Cl 3.16); leitura e exposição da Palavra de Deus (Rm 10.17; Hb 13.7); ofertas (I Co 16.1,2); manifestações e operações do Espírito Santo (I Co 14.26-32); e bênção apostólica (2 Co 13.13; Nm 6.23-27)”<sup>1</sup>. Quer seja numa reunião pentecostal quer seja em uma High Church<sup>2</sup>, a liturgia está sempre presente. Nesse estudo buscaremos analisar a importância de se compreender a relação Escritura-Liturgia, a fim de se vivenciar essa experiência de modo proveitoso, e bíblicamente íntegro.

É tarefa impossível retirar a Liturgia das Escrituras. Em primeiro lugar, porque o texto bíblico é permeado de elementos de caráter litúrgico, do Antigo ao Novo Testamento. Por todo o texto sagrado encontramos descrições, leis e preceitos que regulam e formatam o modo de adoração aceitável a Deus. É verdade que quando chegamos no Novo Testamento, não encontramos uma regra detalhada sobre como deve ser o culto cristão, no entanto, as diretrizes básicas estão

## Escritura e Liturgia

### Uma união indissolúvel

Aproxima-se mais um Sínodo da Igreja Anglicana Reformada do Brasil, e a revista *Báculo* preparou uma série de artigos que abordarão temas relacionados a nossa identidade anglicana e reformada. Nesta edição tratamos novamente do tema Liturgia. Em Agosto falaremos sobre o Governo de uma Igreja Anglicana, e no mês de Setembro, quando ocorre o Sínodo, nosso tema será as Ordens Sacras.

Série “O Jeito de Ser Anglicano”

lá<sup>3</sup>, e por meio delas é possível construir uma identidade litúrgica genuinamente cristã. Adicionemos a isso uma segunda razão: o fato de que o texto sagrado em si é essencialmente litúrgico.

Segundo Fritz Rienecker, “no fim do Século I já se encontram notícias que confirmam que os quatro evangelhos vieram a ser utilizados para leituras nos cultos de diversas comunidades daquela época”<sup>4</sup>. Ainda que o objetivo do autor seja apontar para a credibilidade dos evangelhos canônicos<sup>5</sup>,

seu argumento baseia-se num fato litúrgico de suma importância. De fato, outros autores apontam que a própria redação dos textos neotestamentários tinha um objetivo litúrgico, visando atender às necessidades das primeiras comunidades de fé. Essa teoria parece ser comprovada por indícios bíblicos muito fortes, reforçados por descobertas recentes no campo da teologia bíblica, como as realizadas por Goulder<sup>6</sup>. A título de introdução comentaremos alguns desses indícios:

## Liturgia no Apocalipse de João

O livro da Revelação de S. João (Apocalipse), profere uma bem-aventurança dupla: “Bem-aventurado o que lê e o que ouve e guarda as palavras desta profecia” (1:3). Essa bem-aventurança revela nitidamente o caráter litúrgico do livro. Como não havia cópias abundantes dos textos neotestamentários disponíveis para as primeiras comunidades cristãs, em cada uma delas havia a figura de um leitor<sup>7</sup> - “o que lê” - que proclamava a mensagem dos apóstolos diante da comunidade reunida<sup>8</sup> - “os que ouvem”. Um teólogo reformado chega a dizer que “toda a profecia”, o Apocalipse, está estruturada como um serviço litúrgico dominical<sup>9</sup>.

Mas, ainda que a obra seja fonte de espiritualidade litúrgica para a Igreja, tanto para católicos romanos<sup>10</sup> quanto para protestan-

tes<sup>11</sup>, não significa que a profecia de S. João seja um manual litúrgico. Também não encontramos no livro pormenores que nos permitam identificar os membros e a localização exata de cada comunidade. A descrição da liturgia no Apocalipse é essencialmente simbólica, como o maná que desce dos céus, em que se vislumbra a Eucaristia. Toda a obra, de fato, como que pede para ser decifrada por aqueles que possuem as chaves da interpretação das suas imagens impregnadas de imaginário apocalíptico. Sobre essa linguagem velada, NUÑEZ comenta que “o pouco iniciado no Apocalipse, pode estranhar que neste livro se fale apenas do alimento do cristão: a Eucaristia. Nunca nos esqueçamos, ao ler o Apocalipse, do delicado momento no qual João escreve o livro que espera ver circular entre os cristãos com a anuência da polícia de Dominicano. Tem que evitar cuidadosamente falar de reuniões, de ritos...

O que mais desejaria a polícia do Império Romano, do que saber em que lugares se reuniam os cristãos?”<sup>12</sup>.



## Você Sabia?

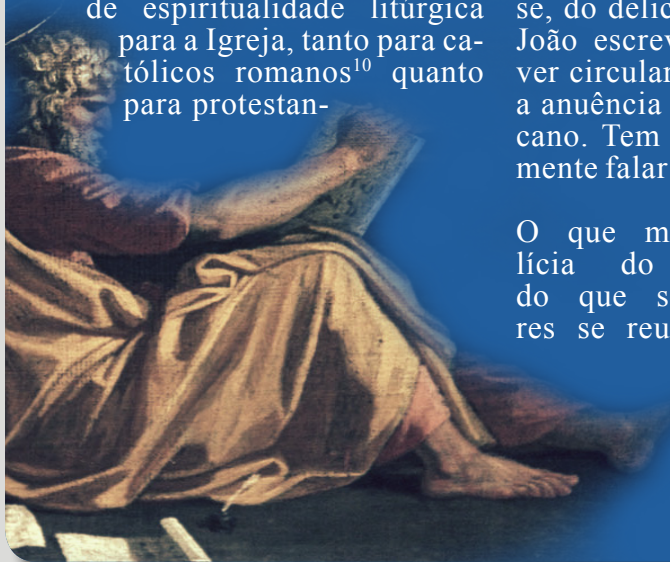
**1 Colarinho clerical:** gola branca, geralmente de plástico. Foi criada por um pregador presbiteriano. A cor branca simboliza o dever do Ministro anunciar o puro Evangelho. Semelhante ao colar usado pelos escravos indica submissão a Cristo.

**2 Camisa Clerical:** Adaptada para receber o colarinho. Na cor roxa é de uso exclusivo dos bispos. Como as demais vestes só podem ser utilizadas na liturgia, a clerical serve como um ‘uniforme’ para o dia-a-dia. Seu uso é obrigatório sempre que o Ministro estiver representando a Igreja, por isso, nos Sínodos são utilizadas em todas as reuniões.

**3 Sobrepeliz:** colocada sobre as demais vestes do Ministro. Sua cor é branca, pois é a cor litúrgica que os remidos, purificados pelo Sangue de Cristo, usam no *Livro do Apocalipse*.

**4 Tipete:** espécie de cachecol comprido que cai ao longo das vestes. Cor preta: indica que o Ministro recebeu as Sagradas Ordens. Cor Azul: indica tratar-se de um Ministro Leigo.

**5 Batina:** manto negro que vai sobre as vestes comuns, mas por baixo da **sobrepeliz**. No Brasil, a Igreja concedeu uma permissão para não ser utilizada, por causa do nosso calor tropical.



# Liturgia nos escritos *Apostólicos*

A mesma intenção litúrgica se aplica aos demais textos sagrados. O Antigo Testamento era lido e explicado durante a liturgia da sinagoga judaica, e também pelas primeiras comunidades cristãs<sup>13</sup>, que inicialmente também foram chamadas de “sinagogas” (ver Tiago 2:2 “vosso ajuntamento”, do grego “sinagoga”). Essa leitura litúrgica foi uma prática que o próprio Senhor Jesus validou e fez uso (por exemplo: Lc. 4:16ss). Quando os textos apostólicos começaram a circular, estes também eram lidos de Igreja em Igreja (Cl 4:16; 1 Ts 5:27), subentendendo que tais leituras se davam durante a liturgia pública<sup>14</sup>. “A igreja dos primeiros tempos”, afirma LADD, “adotou a prática judaica de ler em voz alta nas reuniões (Êx 24:7; Ne 8:2; Lc 4:16; At 13:15; 15:21; 2 Co 3:15)”<sup>15</sup>.

Todos esses indícios demonstram como o texto bíblico se apresenta impregnado pela prática li-

túrgica do povo de Deus, justificando nossa afirmação de que não se pode alienar as Escrituras de seu conteúdo e propósito litúrgicos.

De modo semelhante, é impossível retirar as Escrituras Sagradas da prática litúrgica da Igreja. Ainda que repleta de gestos, cores e simbolismos, a liturgia cristã está permeada pelas Escrituras em todos os seus aspectos, desde sua fundamentação teológica, passando pelo ethos particular de cada tradição, e até em seu conteúdo.



Todas as tradições cristãs possuem alguma forma de liturgia - mesmo aquelas que pretendem um serviço de adoração mais livre (improvisado). Toda comunidade cristã possui certa **ordem** que define sua adoração pública, e os elementos que a constituem (orações, pregação, cânticos, etc.).

## Liturgia e Palavra

Mesmo no catolicismo romano atual, fortemente criticado nos dias da Reforma pelo então desprezo daquele às Escrituras<sup>16</sup>, não economiza palavras na exortação apostólica pós-sinodal<sup>17</sup> *Verbum Domini*, para enfatizar o valor da Palavra na Liturgia:

“Considerando a Igreja como ‘casa da Palavra’, deve-se antes de tudo dar atenção à Liturgia sagrada. Esta constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Sagrada Escritura”<sup>18</sup>.

Quando se questiona elementos de alguma tradição litúrgica, como se deu no período da Reforma, ou ainda hoje, como na “Declaração de Princípios”<sup>19</sup> da

Free Church of England, esse protesto parte necessariamente de um viés bíblico-teológico, ou seja, a crítica tem por objetivo, a priori, aproximar a liturgia das Escrituras, ou retirar daquela aquilo que fere estas.

Os 39 Artigos de Religião, por exemplo, reconhecem a autoridade da Igreja para estabelecer “ritos e cerimônias”, mas adverte que “não é lícito à Igreja ordenar coisa alguma contrária à Palavra de Deus escrita” (Artigo XX). Isto porque, não é a liturgia apenas um movimento humano em direção a Deus, mas é, antes, um movimento iniciado pelo próprio Deus, de modo que é necessário seguir seus preceitos.

Em 1520 Lutero escreveu sobre isso, afirmando que a Palavra de Deus se antecipa a toda atividade humana, inclusive a liturgia:

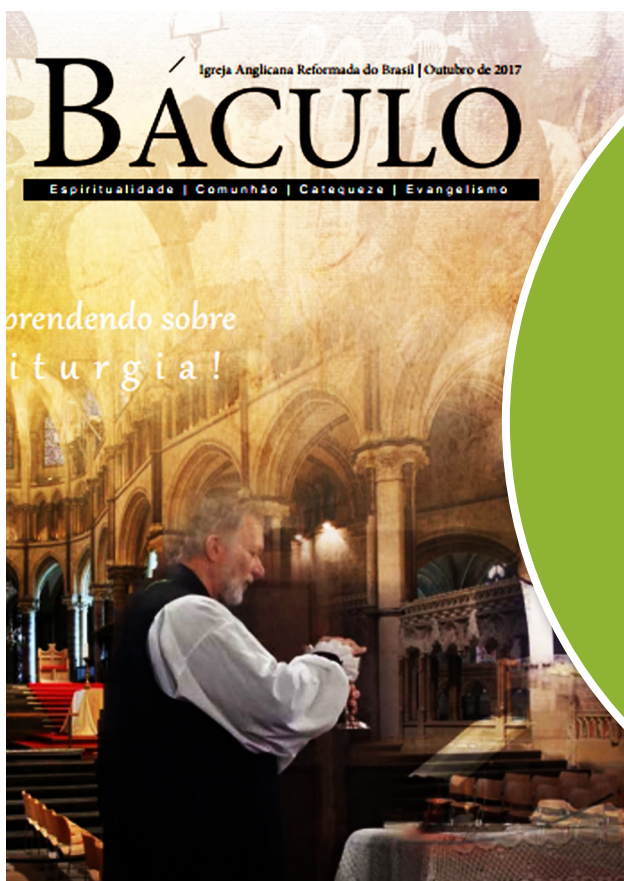
“Se o homem deve participar da obra de Deus e receber algo dele, é preciso que não seja ele que põe a primeira pedra, mas o próprio Deus se antecipa e lhe faz uma promessa, sem que tenha havido procura ou anseio por parte do homem. Essa palavra de Deus é o fundamento, a rocha sobre que toda obra, palavra e pensamento humanos podem ser construídos; o homem deve receber essa palavra com gratidão, crer nas promessas divinas e não duvidar que tudo será como ele prometeu”<sup>20</sup>.

“ É necessário desenvolver uma consciência a respeito da relação Liturgia-Escritura, tanto nos clérigos quanto nos leigos”.

Portanto, é necessário desenvolver uma consciência a respeito da relação Liturgia-Escritura, tanto nos clérigos quanto nos leigos. Quanto mais essa relação é íntima, mais proveitosa. A liturgia anglicana, por exemplo, é permeada do início ao fim pela Bíblia Sagrada. As orações, as coletas, os salmos e até mesmo os gestos são, ou diretamente extraídos dos textos sagrados, ou deles validamente derivados. Os ritos como a Ceia, o Batismo, a Purificação dos recém-nascidos e outros, não foram simplesmente “inventados”. Tudo isso é, de fato, a liturgia de mãos dadas com as Escrituras. Não é de surpreender, portanto, que mais de 90% do Livro de Oração Comum seja a Bíblia em forma de culto.

Quando o fiel é eleito “Leitor” pela comunidade, não se trata apenas de uma tradição cristã milenar, mas de uma função litúrgica essencial, cujas raízes encontramos na prática comum das primeiras comunidades cristãs<sup>21</sup>, maravilhosamente ilustrada nas bem-aventuranças proferidas às Sete Igrejas da Ásia. Quando, em todos os cultos, lemos os Salmos,

os Patriarcas e Profetas, estamos fazendo o mesmo que os primeiros cristãos. Quando ouvimos a leitura das cartas apostólicas, e reverenciamos a Proclamação do Evangelho, também não inventamos coisa nova. Quando oramos juntos a Oração do Senhor (Pai Nosso), obedecemos o mandamento do próprio Cristo. Quando oramos, cantamos ou proclamamos os Credos Históricos, nos colocamos em sintonia com a compreensão bíblica teológica da Igreja de sempre. Não soa como surpreendente, então, descobrir que essa relação Liturgia-Escritura tenha sido capaz, inclusive, de dirimir debates teológicos de primeira grandeza, como na controvérsia ariana. Sobre isso o teólogo anglicano Alister Mcgrath comenta: “*Ário alegava que Cristo era a criatura suprema de Deus dentre as demais criaturas. Seus opositores, como Atanásio, respondiam que essa cristologia era totalmente inconsistente em relação à forma de adoração cristã. Ele enfatizava a importância teológica da prática de orar e adorar a Cristo. Se Ário tivesse razão, os cristãos seriam acusados de idolatria, por haver adorado a uma criatura, em vez de adorar a Deus*”<sup>22</sup>.



## Você Sabia?

Báculo, edição de Setembro (2017), trouxe o tema “Aprendendo sobre Liturgia”. **Clique na capa ao lado para download.** Enriqueça ainda mais o seu conhecimento lendo os seguintes artigos:

*A Liberdade da Liturgia* (pg. 5); *Sim! Eu Participo do Culto* (pg. 6); *Aprendendo Sobre a Liturgia* (pgs. 7-9); *A Palavra Liturgia e Seu Uso nas Igrejas Protestantes* (pg. 15), e *Liturgia, Vida e Significado* (pg. 16).

A foto que abre esse artigo mostra o *Rev. John Fenwick*, Primaz da FCE, caminhando em uma praia da Índia, durante uma visita ecumênica a Igreja Mar Thomas. Ele veste uma **batina rosa**: tradicionalmente, o roxo é a cor dos bispos, mas antigamente o sol indiano desbotava as camisas que, por falta de recursos, eram trocadas apenas raramente. Hoje a Igreja indiana mantém a cor rosa em memória da abnegação daqueles que os antecederam na Pregação do Evangelho.

As possibilidades desse campo da pesquisa sobre a teologia bíblica não se limitam à teorização, mas abarcam também aplicações pastorais importantes, desde a evangelização que é, diz NUÑEZ, “anunciar o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o ministério de Jesus de Nazaré Filho de Deus, com o objetivo de uma adesão vital a Cristo e a entrada visível na comunidade eclesial por meio dos símbolos e gestos sacramentais da Igreja”<sup>23</sup>. Se assumirmos que é verdade que a relação

Liturgia-Escritura permeia toda a vida da Igreja, vivenciar essa experiência de modo proveitoso, e biblicamente íntegro, depende de compreendermos e preservarmos em nossa teológica e práxis essa relação.

\*\*\*\*\*

**Rev. Marcelo Lemos**

| Presbítero da Free Church of England |

| Editor da Revista Báculo |

<sup>1</sup> **GILBERTO**, Antônio: *Teologia Sistemática Pentecostal, Pneumatologia – a Doutrina do Espírito Santo*; pg. 206; CPAD.

<sup>2</sup> “High Church”. De modo geral, a expressão faz referência àquela postura pela valorização da Igreja, dos Sacramentos, e do Ministério Episcopal.

<sup>3</sup> “Já no Novo Testamento se pode ver os primeiros indícios de uma noção dos sacramentos cristãos em uma perspectiva da história da salvação e levando em conta a própria celebração. Como exemplos poderiam ser citados I Cor. 10:1-11; Rom. 6:4-10; Ef. 5:22-33; I Pe. 2:1-2; etc”. **MARTIN**. Julian Lopez: *La Liturgia de la Iglesia*, pg. 5. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1996.

<sup>4</sup> **RIENECKER**. Fritz: *Comentário Esperança Evangelho de Mateus*; Editora Esperança.

<sup>5</sup> “À medida que a liturgia se codificava, o hábito de ler páginas de Epístolas e Evangelhos, durante a missa, submetia o conteúdo dessas leituras a uma prova pública e, quando a consciência cristã fixava um certo número como trazendo a marca do Espírito, a escolha estava feita”. (**ROPS**. Daniel: *Historia da Igreja, Volume I*, pg. 261; Ed. Quadrante, São Paulo 1988).

<sup>6</sup> Goulder em sua tese demonstra que os livros do Novo Testamento não foram escritos inicialmente como “livros”, mas sim como uma série de leituras para o culto, “Lucas desenvolveu seu Evangelho ao pregar à sua congregação, como uma série de cumprimentos do AT; e esse desenvolvimento em séries litúrgicas explica a estrutura do seu Evangelho, que tem sido um enigma por muitos anos” (*The Evangelists’ Calendar*, pg.7).

<sup>7</sup> “Essa palavra indica ‘ler em voz alta’, nos cultos públicos. Poucas pessoas sabiam ler... Cada uma das sete igrejas (ver Apo. 1:20) deve ter recebido uma cópia deste livro, pois o autor

tencionava que o mesmo fosse lido nelas, entre outras ‘Escrituras’. Desde o começo, o autor sagrado dá a entender que seu livro tornaria-se parte da liturgia da Igreja” (**CHAMPLIN**. R. N.: *Apocalipse*, pg. 368).

<sup>8</sup> “A leitura pública é pressuposta em muitas ocasiões (Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22; 13.9; 22.17,18). O Apocalipse pode ser lido em voz alta em aproximadamente uma hora e quinze minutos, ao contrário de muitos apocalipses judaicos extremamente longos” (**POHL**. Adolf; *Apocalipse de São João*, Comentário Esperança).

<sup>9</sup> **CHILTON**. David: *The Restored Paradise*, Freebooks.

<sup>10</sup> Vide *O Banquete do Cordeiro*, de Scott Hann, por exemplo.

<sup>11</sup> Um dos autores protestantes que abordam esse tema é David Chilton. Por exemplo, nas obras *The Restored Paradise* e *Days of Vengeance*.

<sup>12</sup> **NUÑEZ**. Pedro C.: *Fuertes o Debiles. Las 7 Iglesias del Apocalipsis*, Editorial Desclée de Brouwer, 2007.

<sup>13</sup> “A primeira comunidade cristã sempre se considerou estreitamente vinculada ao culto ismelita, praticado tanto no Templo de Jerusalem como nas sinagogas locais” (**KIRST**. Nelson, *Liturgia, Teologia Prática*, pg. 136; Sinodal.

<sup>14</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre o caráter litúrgico dos textos apostólicos consulte *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation*, David Chilton, pgs 20-25.

<sup>15</sup> **LADD**. George: *Apocalipse: Introdução e Comentário*, pg. 20; Ed. Mundo Cristão.

<sup>16</sup> Apesar de questionada por católicos “tradicionalistas”, a teologia católica atual admite, pelo menos em parte, a vali-

dade da crítica elaborada pelos pais da Reforma; crítica que produziu reflexos no Concílio Vaticano II. Também é admitido que a situação da Igreja Romana no período da Reforma, nas palavras de Gabriel Frade, “não era das melhores” (**FRADE**. Professor Me. Gabriel, *Bíblia e Liturgia, Revista Espaço Teológico*, Vol.5, n7, jan/jun, 2011, p.64, PUC-SP).

<sup>17</sup> i.e., publicada após o Concílio Vaticano II, que inseriu na Igreja de Roma um novo ânimo pela leitura e pelo estudo das Escrituras, focados especialmente nos leigos. “... ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas.” (*Origens: Contra Celso*. Em: Apresentação da Editora; Ed. Paulus).

<sup>18</sup> **BENTO XVI**: *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*, n. 52.

<sup>19</sup> <http://igrejaanglicana.com.br/declaracao-de-principios/>

<sup>20</sup> WA 6,356,3-10.

<sup>21</sup> “A Igreja Cristã adaptou para seus serviços muitos dos elementos do culto da sinagoga, e a leitura das Escrituras seguiu sendo uma parte fundamental no culto cristão. Justino Mártir é o primeiro a nos oferecer uma descrição de como era o culto cristão primitivo; e este incluía “a leitura das memórias dos apóstolos” (Justino Mártir 1:67). O ofício de leitor chegou a constituir-se numa das ordens especiais da Igreja, junto com as de diácono ou presbítero” (**BARCLAY**. William; *Apocalipse*; E-sword).

<sup>22</sup> **McGRATH**. Alister: *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*; pg.231;

<sup>23</sup> **NUÑEZ**. Pedro C.: pg. 328,329.

# O que é A FÉ?

## PELA GRAÇA e para as BOAS OBRAS

O Catecismo termina de responder a pergunta “O que é a fé?” com uma aplicação prática de grande valor: “*Eu tenho que viver minha fé em uma vida de discípulo que produz boas obras que glorificam a Deus*”. Os frutos da vida cristã são uma realidade bem atestada pelos textos sagrados, por exemplo, Mateus 5.6; Tiago 2.14-17; Ef. 2.8-9, e muitos outros.

É muito comum ouvirmos afirmações do tipo “As boas obras não salvam”, ou “Somos salvos somente pela fé, sem a necessidade das obras”. Compreendidas corretamente, tais afirmações são verdadeiras, contudo, não podemos nos esconder atrás delas para contar apenas um lado da história. Porque, se a salvação é exclusivamente pela fé em Jesus, também é verdade que Jesus disse: “*Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me*” (S. Mateus 16:24).

É enganoso pensar que o título de “cristão” é suficiente. Jesus dirá as mais duras palavras a muitos que profetizam, expulsam demônios e falam em línguas! E por qual razão? Por não terem alimentado, abrigado e praticado a caridade para com Jesus, quando este teve fome, sede, foi prisioneiro ou imigrante no mundo. Os falsos cristãos, no último dia, perguntarão ao Senhor: “*Quando te vimos como fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão e não te servimos?*” (S. Mateus 25.44). E Jesus lhes dirá: “**Quando a um destes pequeninos não o fizestes, a mim não o fizestes**” (v.45).



Na lição anterior (Báculo, Junho 2018), estudamos sobre o que é o pecado<sup>1</sup>, e fomos animados a vencê-lo por meio da fé. Mas, o que é fé? Essa é a pergunta que nos responde a questão 8 do nosso catecismo<sup>2</sup>. A importância da fé por ser vista por toda a Bíblia Sagrada, por exemplo, como nessa exortação do autor da Carta aos Hebreus: “*Ora, sem fé é impossível agradar-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam*” (Hebreus 11:6).

A falta de fé, ou incredulidade, é retratada nas Escrituras como um estado que afasta o homem de Deus, e da vida eterna, e o arrasta para uma vida vazia de significado. O autor de Hebreus em outra exortação, diz: “*Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer um de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo*” (3:12), e lembra seus leitores de que muitos judeus não puderam entrar na Terra Prometida “por causa da sua incredulidade” (v.19). Mais adiante, o autor inspirado vai dizer que o mesmo Evangelho que hoje nos salva foi anunciado aos israelitas no deserto, mas muitos não puderam aproveitar essa mensa-

gem. E porquê? “Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram” (4:2).

Sendo a fé tão importante para a vida cristã, precisamos conhecê-la. A fé é confiar em Jesus Cristo, diz o Catecismo. Porque Cristo permanece sempre fiel às Promessas que fez a nós (Rom. 4:5; Salmo 145.13). Esse mesmo Cristo que se fez homem por nossa causa (João 1.14; 1 João 4.2-3), e por quem – por meio de Seu Sangue – recebemos o perdão dos pecados (Ef. 1.7), e assim, por causa da Sua Justiça, somos considerados e feitos justos aos olhos do próprio Deus (2 Cor. 5.21; Ro. 5.19).

Naturalmente, a fé verdadeira implica também uma nova forma de vida e de pensar (*veja quadro ao lado*), no entanto, a salvação não está em um conjunto de doutrinas, em uma tradição religiosa, ou mesmo nos bons costumes. A salvação está no crer em uma pessoa: Jesus, o Cristo, que veio ao mundo salvar o que se havia perdido.

\*\*\*\*\*

<sup>1</sup> Báculo, Junho de 2018, “O que é o pecado?”, página 15. ([LINK](#)).

<sup>2</sup> Catecismo Século 21. Disponível no site nacional ([LINK](#)).

## Terminologia Para Melhor Compreender

# Os Pais da Igreja

Rev. Marcelo Lemos

Como já escrevi nesta coluna, nós reformados precisamos propor uma visão mais abrangente sobre os Pais da Igreja<sup>1</sup>. Claro que para isso precisamos, primeiramente, compreender que o legado da tradição cristã não é contrário a nossa fé reformada, ou mesmo evangélica<sup>2</sup>. Essa era a postura dos principais Pais Reformadores, como Calvino e Lutero. Muita gente acredita que a Reforma foi simplesmente um apelo para que a Igreja voltasse às Escrituras. De fato, ela foi principalmente isso, no entanto, o argumento completo dos primeiros reformadores incluía o testemunho da Igreja histórica.

Essa opinião é compartilhada por David Steinmetz<sup>3</sup>, professor da Duke Divinity School. “A Reforma é não apenas um argumento sobre a Bíblia, mas também sobre os primeiros cristãos, a quem os protestantes queriam reivindicar para o seu lado. Essa é uma daquelas coisas que, de tão óbvias, as pessoas acabam ignorando – mas, se você olhar, poderá ver em todos os lugares”. Steinmetz explica que “os reformadores usam os Pais da Igreja constantemente. Sabemos que Calvino leu Agostinho, e recentemente descobrimos que Lutero era leitor de Jerônimo – ele mesmo fez cópias manuscritas deste. O sumário das Institutas da Religião, de Calvino, é preenchido por uma enorme citação da patrística,

e no primeiro prefácio do livro, endereçado a Francisco I, Calvino fez o melhor que pode para demonstrar que seus ensinamentos estavam em completa harmonia com os Pais”.

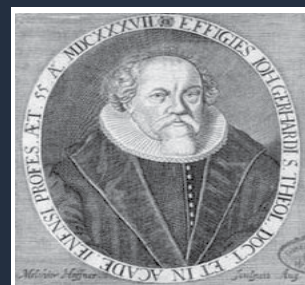
Daí podermos dizer que a Reforma não foi uma recriação da Igreja, mas simplesmente uma busca por reforma. Não demolimos toda a nossa casa quando pretendemos reformá-la. Talvez precisemos demolir o que já não serve, o que atrapalha, o que foi construído errado. Mas, se o leitor decidir ir mais a fundo no legado histórico da Igreja, necessariamente precisará estar familiarizado com alguns termos importantes.

### Patrística

Por Patrística denominamos aquela ciência que se dedica a pesquisar e compreender o “pensamento” dos Pais da Igreja. Ou seja, trata-se de uma disciplina precipuamente teológica e doutrinal. O que os Pais da Igreja ensinavam sobre a escravidão, o casamento, a sexualidade, a Divindade de Cristo, a Vida Eterna, e questões semelhantes a estas.

### Patrologia

Por sua vez, a Patrologia aplica-se ao estudo da “vida e os escritos” dos Pais da Igreja. Ou seja, enquanto a Patrística ocupa-se de questões teológicas, a Patrologia ocupa-se



## Curiosidade

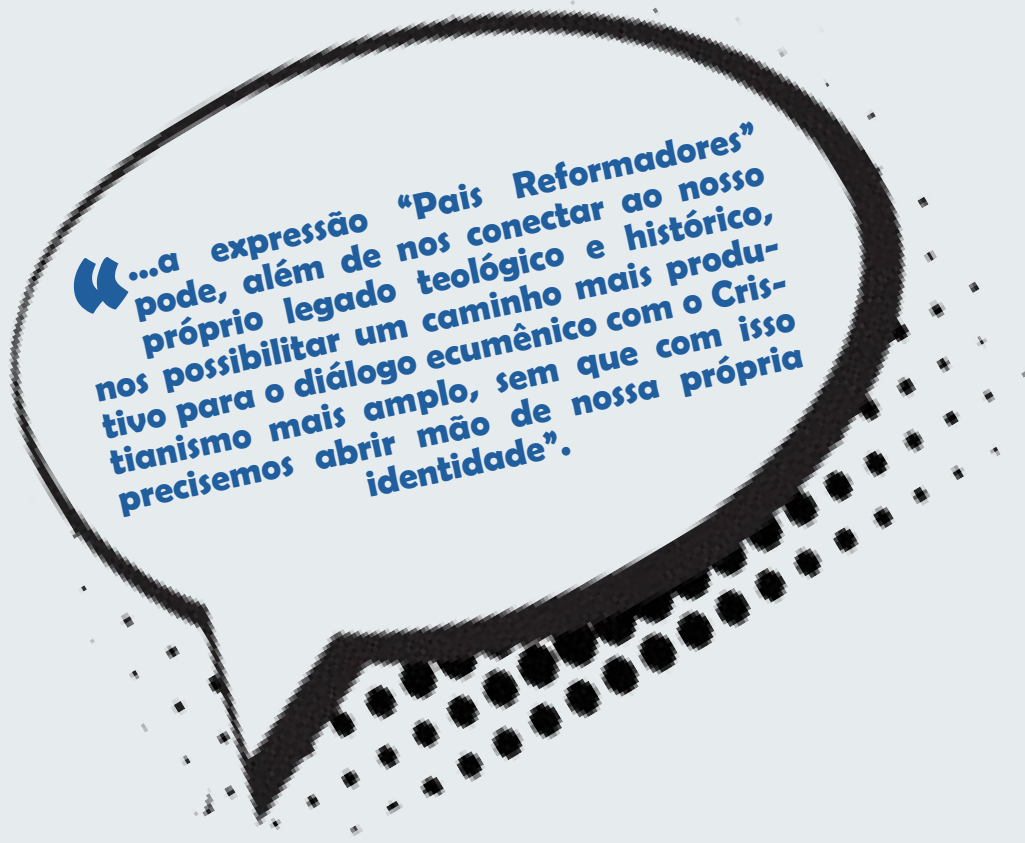
O criador do termo «Patrologia» foi o luterano J. Gerhard (+ 1637), na sua obra póstuma *«Patrologia sive de primitivae ecclesiae christianae doctorum vita ac lucubrationibus opusculum»*, datada de 1653. O termo surgiu no contexto apologético da Reforma e com o objetivo de apelar para o testemunho dos Pais da Igreja como forma de justificação das ideias discutidas pelos reformadores e como resposta à «antiguidade» e consequente «autoridade» dos mesmos reformadores.

de questões históricas, textuais, bibliográficas e literárias.

### Pais da Igreja

“Pai da Igreja” é aquele que contribuiu teológica e espiritualmente para a formação do Cristianismo, ou seja, na composição dos Dogmas de Fé, até o Século VII no Ocidente, ou até o Século VIII, no Oriente. Geralmente, os Pais se envolveram na defesa e na formulação de doutrinas importantes, como a Trindade, a Encarnação, a Divindade de Cristo, e assim por diante. Entre os principais padres da Igreja encontramos: Santo Atanásio, São Basílio, Santo Agostinho, São Jerônimo, São Gregório Magno, entre outros.

Podemos dividir os Pais da Igreja da seguinte forma: **Pais Apostólicos**, que foram os sucessores imediatos dos apóstolos (Barnabé, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Papias). **Pais Apologistas Gregos**, que se envolveram magistralmente nas batalhas pela fé contra os ataques da filosofia grega, e de hereges do cristia-



nismo marginal. Alguns nomes importantes: Taciano, Justino, Teófilo de Antioquia, Hermas, Irineu de Lion, e tantos outros. **Pais Latinos**, que escreveram principalmente em Latim. Há muitos nomes importantes dentre eles: Tertuliano, Cipriano de Cartago, Santo Agostinho, Ambrósio de Milão, e assim por diante. **Pais do Deserto**, assim chamados por viverem reclusos no deserto egípcio. Na verdade, esses Pais escreveram muito pouco comparado aos demais, porém, sua espiritualidade influenciou e influenciou o mundo inteiro. Foram dois: Antônio, o Grande, e Abba Pacômio. Por algum motivo, os brasileiros costumam chamar o primeiro de “Santo Antão”.

Há também outra forma de classificar e estudar os Pais da Igreja, nomeando e pesquisando suas escolas de pensamento, como a Escola de Alexandria e a Escola de Cesaréia. Faremos isso em um próximo artigo, ainda que de modo apenas introdutório, pois quanto mais estudamos o assunto, mas há para se conhecer<sup>4</sup>.

### Doutores da Igreja

Pela classificação da Igreja de Roma, o número atual de pessoas reconhecidas como Doutores da Igreja são 36, 4 delas mulheres. Um doutor é alguém de notável saber teológico, e que é capaz de transmitir isso à Igreja, de modo que seus escritos sejam reconhecidos como “tesouro da fé”. É o caso, por exemplo, de Santo Tomás de Aquino, que muitos imaginam ser um Pai da Igreja, quando na verdade é um Doutor. Naturalmente, a Igreja de Roma só reconhece como Doutor da Igreja aqueles pensadores que pertencem a sua tradição (catolicismo romano).

### Pais Reformadores

Para nós reformados, a tradição da Igreja, bem como o tesouro da fé cristã não estão limitados aos Pais da Igreja, nem aos Doutores da Igreja, e também não se baseia na divisão entre Oriente e Ocidente. Na falta de classificação melhor, ou academicamente melhor estabelecida, chamamos os Pais da Reforma nesta coluna de Pais Reformadores. Eles não são, tecnicamente, Pais da Igreja (que como vimos acima,

existiram até o Século VIII, aproximadamente). Também não são, até agora, reconhecidos como Doutores da Igreja (o que exigiria um reconhecimento maior por parte das demais tradições da Igreja). São, no entanto, Pais na Fé de Reformados e Evangelicais, mesmo daqueles que desconhecem seu legado teológico e espiritual.

Pessoalmente, acredito que a expressão “Pais Reformadores” pode, além de nos conectar ao nosso próprio legado teológico e histórico, nos possibilitar um caminho mais produtivo para o diálogo ecumênico com o Cristianismo mais amplo, sem que com isso precisemos abrir mão de nossa própria identidade.

\*\*\*\*\*

<sup>1</sup> *Por Uma Perspectiva Reformada Sobre os Pais da Igreja*. Báculo, Setembro de 2017. [LINK](#).

<sup>2</sup> *Os Evangélicos Devem Ler os Pais da Igreja?* Báculo, Abril de 2018. [LINK](#).

<sup>3</sup> Christian History Institute. [LINK](#).

<sup>4</sup> A obra “*Patrologia*”, em espanhol, do Prof. Johannes Quasten, é um bom começo para quem deseja uma obra acessível e abrangente sobre esse assunto.



Caruaru é conhecida como a “Capital do Forró”. A cidade é sede da maior Festa Junina do mundo, segundo consta no Guinness World Records!

Caruaru é também chamada de “Capital do Agreste”. O município está situado na região nordeste do País, e pertence a Mesorregião do Agreste Pernambucano. Além disso, o município exerce um importante papel centralizador no Agreste e interior pernambucano, concentrando o principal pólo médico-hospitalar, acadêmico, cultural e turístico da região.

Outro título dado a cidade é o de “Capital dos Artesãos”. Seu artesanato com barro ficou mundialmente conhecido pelas mãos do artesão Vitalino Pereira dos Santos.

A cidade também abriga a Feira de Caruaru, uma das maiores do mundo, e tombada como patrimônio imaterial do Brasil.

Caruaru não tem praia, contudo, a Praia de Tamandaré, localizada a 143 Km, é apelidada de “Praia de Caruaru”, pois é historicamente o local de veraneio mais popular entre os caruaruenses.

O trabalho de evangelização da Diocese Sul-Americana segue firme em sua missão de expandir o Reino. Na última reunião do Conselho Permanente, realizada no último dia 28 (Julho de 2018), a Paróquia Anglicana da Santíssima Trindade, localizada na Cidade de Caruaru, no Pernambuco, foi recebida de volta a comunhão da Igreja Anglicana Reformada do Brasil.

A Diocese Sul-Americana também foi recebido de na dá as boas vindas aos anglicanos reformados de Caruaru, e também aos seus dois Ministros responsáveis, o Rev. Bruno Leando (reitor), que está retornando à família anglicana reformada, e o Rev. Ricardo Diniz (foto ao lado), que é Ministro adjunto na paróquia.

No próximo Sínodo, em Setembro, os dois Ministros serão credenciados, e no próximo ano terão suas Ordens regularizadas segundo os Canônes da Igreja.

Nesta mesma reunião

também foi recebido de volta a família anglicana reformada o irmão Pedro Paulo Garcia Perdigão, o Pepe, de São Gonçalo do Sapucaí (MG), um retorno que sinaliza o início de um trabalho missionário na região.

As duas notícias, que recebemos no fechamento desta edição, não poderiam ficar de fora, pois foram recebidas com muita alegria por toda a Igreja.

“Duas notícias recebidas com grande alegria pela família anglicana reformada”.



## C. S. LEWIS

### ALÉM DO UNIVERSO MÁGICO DE NÁRNIA

São Paulo: Martins Fontes, 2015. 413 p.p. Traduzido do original em Inglês por Jefferson Camargo. ISBN 978-85-8063-217-0.

“... a grande voz do século XX – particularmente quando se considera o conjunto de sua obra” (Robert MacSwain, pg. 12)).

Por Marcelo Lemos

A tradicional editora Martins Fontes trouxe para o público brasileiro a obra “C. S. Lewis: Além do Universo Mágico de Nárnia”, organizada por Robert MacSwain e Michael Ward. Salvo melhor juízo, a publicação brasileira é de 2015, enquanto a original, em inglês, data de 2010. O original foi publicado pela The Cambridge University Press, como parte da série The Cambridge Companion to Religion. Tive a oportunidade de ler algumas obras de uma coleção do mesmo tipo (The Cambridge Companion to Culture), como *Modern Latin American Culture* (2004) e *Modern Spanish Culture* (1999), ambas<sup>1</sup> de excelente qualidade. Qualidade também presente na obra analisada brevemente aqui, a qual contou com a colaboração de especialistas como Joseph P. Cassidy, diretor da St Chad’s College, Universidade de Durham, e cônego não residente da catedral de Durham; Mark Edwards, professor de teologia na Christ Church e de patristica na Faculdade de Teologia

de Oxford; Judith Wolfe, que leciona teologia na St John’s College, em Oxford, dentre outros acadêmicos renomados.

De início esclareço que esta é uma resenha bem limitada, e que deixarei de lado a presunção de comentar, por exemplo, capítulos que apresentam Lewis como teórico literário, crítico, poeta, historiador e afins. Certamente há especialistas nestes assuntos que o fariam melhor que eu. Além disso, selecionei apenas alguns temas teológicos e espirituais do livro para este artigo, afinal, comentar todos eles seria uma tarefa acima das minhas possibilidades. Além do mais, espero que o leitor possa apreciar os ensaios apresentados no livro em primeira mão e, assim, conhecer facetas de Lewis que talvez nem imagine que existam. Para isso o leitor deve estar atento a tríplice divisão do livro. A primeira parte, “O erudito”, discute Lewis enquanto estudioso; a segunda, “O pensador”, revela sua obra teológica de forma bem abrangente, e foi a parte de maior interesse para mim enquanto teólogo e anglicano. Na última parte somos apresentados ao “Escritor”, e aborda, certamente, o lado mais popular de

Lewis. O ensaio de Alan Jacobs, sobre as Crônicas de Nárnia – um pouco sobre isso em Notas (5) – é especialmente delicioso.

Robert MacSwain, um dos editores e organizadores do livro, comenta na introdução que a obra de C. S. Lewis desperta fortes paixões, sejam favoráveis ou contrárias. “C. S. Lewis é um fenômeno e uma anomalia ao mesmo tempo”<sup>2</sup>. Há uma grande parcela de acadêmicos, tanto de Teologia quanto de Literatura, que simplesmente desejaria ignorar a contribuição de Lewis nestes dois campos do saber, enquanto, do outro lado, uma legião de admiradores e um punhado de também acadêmicos o reverenciam como o grande teólogo do Século 20. “Os colaboradores deste volume”, explica MacSwain, “situam-se em algum ponto entre as duas comunidades interpretativas polarizadas”, e “apesar de muitas divergências e diferenças de opinião, todos nós acreditamos que Lewis deixou algumas contribuições verdadeiramente importantes para um grande e



diversificado espectro de disciplinas e gêneros: literário, histórico, filosófico, ético, teológico, espiritual, narrativo e poético”<sup>3</sup>.

Sobre os editores, confesso ter ficado um pouco curioso sobre a presença de Michael Ward. Ward argumenta, em uma tese publicada em 2008<sup>4</sup>, que cada um dos sete livros das Crônicas de Nárnia foi habilmente escrito para esconder uma mensagem oculta, esotérica, cada uma delas relacionada a um dos sete planetas da cosmologia medieval (pré-coperniana). A tese, penso eu, é um tanto excêntrica e complexa, e conta com alguns críticos dentro e fora da academia. Não estou com isso julgado o mérito da tese em si, da qual importa dizer, fornece dados bem significativos sobre o simbolismo medieval e o interesse de Lewis no tema. Minha curiosidade era se o tema seria ou não tratado no livro, e de que forma<sup>5</sup>.

Mas, se minha curiosidade tinha alguma dose de receio, felizmente foi precipitada, porque, o capítulo sob a responsabilidade de Ward, “Sobre o Sofrimento”, sequer menciona o assunto, e é especialmente cativante, e fornece uma visão concisa e bem escrita sobre este aspecto da teologia de Lewis, ainda que de modo menos abrangente do que eu esperava em um tema tão complexo. A concisão do articulista, no entanto, pode ser justificada pelas dimensões da obra e, mais ainda, pela extensão e complexidade do tema do Sofrimento e Teodiceia.

*É possível aprender com Lewis como teorizar o problema do Mal e compreender que a verdadeira explicação é alcançada pela alma que se abre ao Mistério da Fé!*

Ainda sobre este capítulo, trata-se de um ensaio que o leitor cristão deverá ler, especialmente numa época como a nossa, em que parece ter ressurgido em toda sua força o embate entre calvinistas, arminianos e molinistas, sem falar do surgimento de teorias mais recentes, como teísmo aberto e teologia relacional, cada uma se debruçando sobre, e tentando compreender o véu de mistério que nossas teodiceias não conseguem penetrar completamente. O leitor já familiarizado com a obra lewisiana pode apreciar os comentários de Ward sobre a dor como “o megafone de Deus” para despertar um mundo surdo. Outros talvez descubram pela primeira vez que, para Lewis, explica Ward, “o sofrimento é uma espécie de cruz a ser suportada em solidariedade com Cristo, e um horror que só o milagre da Ressurreição pode interpretar devidamente”<sup>6</sup>.

Na minha opinião, é possível aprender com Lewis como abordar o problema do Mal e do Sofrimento a partir de bases teóricas, sem com isso deixar de compreender que a verdadeira explicação só pode ser alcançada pela alma que se abre ao Mistério da Fé - Ward é bastante feliz em demonstrar ao longo do ensaio que o problema do Mal era para Lewis não apenas uma questão teórica, mas também de fé prática, “ele pode compartilhar a cruz de Cristo e, desse modo, sua ascensão” (pg. 217).

No entanto, apesar da justificável limitação do capítulo, o leitor mais inteirado com o tema, e com Lewis particularmente, talvez estranhe Ward nem de longe mencionar a semelhança

entre a teodiceia lewisiana e o pensamento de Santo Agostinho, i.e., do Mal como corrupção do Bem, ou a ausência do Bem, e não um “ente original”<sup>7</sup>. Ideia, aliás, que Lewis compartilhava com seu amigo, o católico romano Tolkien, autor de Senhor dos Anéis.

Como MacSwain informa logo na introdução, o time de especialistas convidados pelos editores é formado por pessoas que, em maior ou menor grau, admiram a obra do anglicano, o que não impede que alguns deles tenham críticas educadas mas contundentes contra alguns posicionamentos de Lewis. É este o caso com Ann Loads, responsável pelo capítulo “Sobre Gênero”, que critica incisivamente o fato de Lewis ter sido contra a ordenação feminina, e com o renomado Charles Taliaferro, que em seu ensaio parece considerar a crítica de Lewis ao Naturalismo como, essencialmente, ingênua. No caso da abordagem de Ann Loads sobre a visão de Lewis sobre a ordenação de mulheres, acredito que mesmo o leitor que favorável a Lewis poderá se beneficiar do artigo - até porque a autora não se esquivava de citar os argumentos teológicos, históricos e filosóficos de Lewis, o que torna o capítulo uma fonte de consulta bem útil.

Por exemplo, um dos argumentos de Lewis contra a ordenação feminina é o fato de que tal prática ergue novas e maiores barreiras para o diálogo com outras tradições, como o catolicismo romano, o catolicismo oriental e diversos ramos do cristianismo reformado que não a aceitam. Comentei, em um artigo intitulado *As Encru-*

*zilhas da Ordenação Feminina*, que esse problema ainda é verdade hoje<sup>8</sup>. Em contrapartida, Loads argumenta que, na verdade, a preocupação de Lewis é, em sua opinião, um tanto ingênua, uma vez que as Ordens Sacras (anglicanas) foram consideradas inválidas pelos cristãos romanos independentemente disso (situação lamentável que perdura ainda hoje, apesar dos avanços do Concílio Vaticano II, observe). Além disso, a própria recusa de se ordenar mulheres é, também, uma barreira ao diálogo ecumênico com aquelas diversas tradições que a aprovam, e autora cita o diálogo com a Igreja Metodista do Reino Unido e dos Estados Unidos, como exemplo.

A favor de Loads, a autora não somente faz justiça aos argumentos de Lewis, como também evita cair nas críticas geralmente comuns e rasteiras que geralmente vemos contra a teologia tradicional de Lewis (e dos cristãos conservadores em geral).

C. S. Lewis, como os editores da obra reconhecem, não é uma unanimidade absoluta. Como é natural, há quem ame sua obra, e quem a considere de qualidade questionável. Seria bom que ambos os lados do debate soubessem ouvir com certa empatia as opiniões um do outro. Sou da opinião que as críticas apresentadas no livro prestam um grande serviço a quem deseja adquirir um conhecimento mas profundo da obra e do pensamento do autor. Observo também ser possível que muitos leitores se assuste e critiquem certas opiniões de Lewis por conta própria. Em livros e, especialmente em textos pela internet, há quem ten-

te apresentar C. S. Lewis como um tipo perigoso de herege.

Isso se deve, por exemplo, a suas opiniões favoráveis a Teoria da Evolução (pessoalmente não entendo como isso pode fazer alguém menos cristão), a suas afirmações (pouco compreendidas e largamente deturpadas) sobre Bíblia e Mito (que nada têm a ver com as ideias de Bultmann, cuja teor é francamente criticado por Lewis, de modo até desdenhoso), dentre outras. Quanto a Bíblia e Mito em Lewis, se o leitor tiver alguma dúvida sobre o autor rejeitar a abordagem liberal, aconselho ler atentamente o ensaio “Sobre as Escrituras” (pg. 93), de Kevin J. Vanhoozer. Não sugiro que essas questões devam ser minimizadas, ou aceitas simplesmente por se tratar de Lewis, claro, mas estou convencido de que ele jamais abriu mão de qualquer doutrina estabelecida pelos Credos da Igreja, ainda que Lewis não fosse exatamente reformado e anglicano em toda sua teologia. Ademais, algumas críticas lançadas por fundamentalistas beiram ao exagero, porque, se é verdade que Lewis via o Livro de Jó, por exemplo, como ficção inspirada, também Calvino nutriu dúvidas sobre sua literalidade.

Independentemente de como interpretamos as opiniões de Lewis sobre Bíblia e Mito, dentre outras, vale a pena ler sobre seu diálogo com Tolkien e Dyson numa das trilhas próximas ao campus universitário onde lecionavam (pg. 258), e ao qual Lewis atribui valor decisivo em sua decisão de crer a Fé da Igreja. Lewis diz a seus amigos que considerava os relatos sobre Encarnação, Sacrifício, e

Ressurreição de Jesus “tolos ou chocantes”, ao que seus amigos explicaram que ele não teria a mesma reação se os mesmos relatos fossem encontrados na mitologia pagã. Ele só não era capaz de apreciar a beleza dessas ideias arquetípicas (uso aqui uma expressão Junguiana) *no relato cristão*, o que parece ter aberto os olhos de Lewis para a irracionalidade e pecaminosidade de seu ateísmo. O teor do diálogo entre os três amigos é particularmente interessante para aqueles que estão envolvidos em apologética pressuposicional hoje, pois parece ilustrar bem a teoria de que há um motivo-base de cunho religioso na raiz de todo pensamento teórico, como apontado pela escola neocalvinista representada por Dooyeweerd e Van Til, o que refutaria a ideia de uma razão humana autônoma<sup>9</sup>.

Em termos gerais, o livro é uma obra de peso, bem escrita e editada, além de muito bem-vinda, especialmente para o público cristão. Como o leitor de *Báculo* deve saber, Lewis abandonou o ateísmo e abraçou a fé Cristã, tornando-se mundialmente famoso como excelente apolo-gista da Fé da Igreja (e, provavelmente, seja um dos autores anglicanos mais queridos pelo público evangélico, assim como John Stott). Sua obra teológica mais famosa é o livro *Cristianismo Puro e Simples*, na qual não apenas faz uma habilidosa defesa do Evangelho, como também propõe uma via média entre as diferentes tradições cristãs - daí o livro se chamar, em Inglês *Mere Christianity*<sup>10</sup> - fazendo jus ao ethos anglicano que ele mesmo abraçou<sup>11</sup> tão apaixonadamente - mas eu lembraria o leitor de que, sua pri-

meira obra de apologética cristã foi *O Problema do Sofrimento*.

Certamente, outro grande mérito da obra é mostrar ao leitor as diversas facetas de Lewis, não se limitando a apresentar o autor já bem conhecido do público evangélico, ou do público que conheceu seu nome através dos livros (e filmes) da série *As Crônicas de Nárnia*. Essa é uma promessa dos editores já no subtítulo da obra. Promessa feita e cumprida. O livro, inclusive, apresenta uma cronologia bem informativa sobre a vida e a obra de Lewis, mas eu recomendo que o leitor interessado leia *A Vida de C. S. Lewis: do Ateísmo as Terras de Nárnia*, do teólogo e erudito anglicano Alister MacGrath (Mundo Cristão, 2013).

A título de curiosidade: comecei a leitura *C.S. Lewis: Além do Universo Mágico de Nárnia*, enquanto aguardava numa fila do Subway, quando um grupo de adolescentes que também esperam sua vez se aproximou pedindo informações sobre a obra (preço, autor, qualidade, assunto, etc). Uma inusitada oportunidade de diálogo e evangelização, até porque, a maioria dos novos leitores de Lewis parece desconhecer a profunda espiritualidade cristã do criador do Reino de Aslam.

\*\*\*\*\*

#### Notas:

<sup>1</sup> Não saberia dizer se alguma delas já foi traduzida para o nosso idioma.

<sup>2</sup> pg. 2.

<sup>3</sup> pg. 12

<sup>4</sup> *Planet Narnia: The Seven Heavens in the Imagination of C. S. Lewis*. Oxford University Press, USA.

<sup>5</sup> A tese de Ward será abordada brevemente no livro, porém, no capítulo “As Crônicas de Nárnia”, escrito por Allan Jacobs, que se mostra bem favorável a mesma. “Ward demonstrou, para além de qualquer dúvida razoável, que cada um dos livros de Nárnia contém as características associadas, no pensamento medieval, a um dos sete planetas” (pg. 338). Em todo caso, se a tese de Ward estiver correta, não deixa de ser interessante analisarmos hoje como Lewis conseguiu traduzir a mitologia pagã numa linguagem fiel ao Cristianismo.

<sup>6</sup> pg. 271

<sup>7</sup> LEWIS; C. S. : *Cristianismo Puro e Simples*. Martins Fontes. 2014, pg. 60.

<sup>8</sup> *As encruzilhadas da Ordenação Feminina*. Blog Olhar Anglicano. [LINK](#).

<sup>9</sup> Traduzi recentemente “*A Trinitarian Modal-Spherical Method of Apologétics: an attempt to combine the Vantilian Method of apologetics with Reformational Philosophy*”, tese de mestrado de Guilherme Braun Jr na Faculty of Theology at the North West University Potchefstroom (Alemanha), que creio ser a melhor exposição sobre o assunto que já encontrei. A tese deve ser lançada em livro ainda esse ano pela Editora Monergismo.

<sup>10</sup> Já foi publicado em português também como *Mero Cristianismo*, uma tradução mais próxima do título original, *Mere Christianity*.

<sup>11</sup> Lewis foi batizado na Igreja da Irlanda, igreja membro da Comunhão Anglicana.

